

# Três Poetas Luso-Americanas em Tradução

*Margarida Vale de Gato\**

## 1. Homenagem e alicerces para um novo projecto

Julgo que uma maneira de prestar homenagem ao Professor João de Almeida Flor, que foi meu professor de licenciatura e mais tarde aceitou co-orientar a minha tese de doutoramento (juntamente com a Professora Teresa Alves), é oferecer aqui um trabalho que considero um primeiro passo para um novo projecto de investigação pós-doutoral e ao mesmo tempo reflecte interesses que o Professor sempre partilhou, a saber, a tradução e os diálogos linguístico-culturais entre o mundo de expressão inglesa e Portugal.

No tocante à tradução, e desde que comecei a leccionar a disciplina de tradução literária, tenho estudado a hipótese de montar uma plataforma online de tradução colaborativa que possa constituir-se como suporte à pedagogia do ensino da tradução literária entre a língua inglesa e a portuguesa, e ao mesmo tempo servir a comunidade e as ambições de projecção dos alunos no mercado de trabalho. Nela se apresentarão, traduzirão e discutirão textos que se possam subordinar a antologias de interesse para o público e mais tarde serem publicados, seja em papel ou em versão digital. Considerando este objectivo, desde logo se coloca o problema de se poderem ou não conciliar dois tipos de produtos antológicos: o manual ou “sebenta” de textos agrupados para determinados fins didácticos e exercícios práticos, e a antologia literária propriamente dita, que é uma categoria complexa, mas que, no geral, se conforma à regra do *best of*, seja esta avalizada por um cânone académico ou pela divulgação livreira, mesmo quando esse “melhor” é o marginal ou o mais excêntrico. Em todo o caso, esse problema foi por mim abordado num contributo para o 6º Congresso de Estudos de Tradução em Portugal, onde apresentei como duas vias possíveis uma antologia baseada num topos literário recorrente e de grande produtividade intertextual, ou uma antologia programática, centrada num problema ou aspecto ao nível da história e estudos da literatura. Dentro desta última hipótese, explorei algumas das vantagens de uma antologia baseada num tendência ancestral, mas que com a crescente mobilidade e gravitação de pessoas e bens tem vido a assumir foros de preponderância e a constituir-se como um objecto privilegiado de estudo: as literaturas de diáspora (Vale de Gato, comunicação, 2010). Nestas, o inglês, como terceira língua com mais falantes nativos no mundo, e primeira como língua segunda e de comunicação, é um terreno naturalmente fértil para a hibridiz

---

\* CEAUL / Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

de cruzamentos linguístico-culturais que podem ser interessantes para trabalhar em termos quer de didáctica da tradução quer de mudança de paradigma literário.<sup>1</sup>

Desenvolvendo o potencial antológico das literaturas de diáspora, parecem-me poder ter especial interesse colectâneas de textos escritos em inglês por portugueses ou seus descendentes, visto que nelas teoricamente converge uma grande capacidade de cativação do leitorado português (e, portanto, também do seu mercado) e um aproveitamento do meu fascínio e anterior estudo ao nível das relações entre Portugal e o mundo anglófono. Sobre este último ponto, permito-me um aparte que pode vir a propósito desta homenagem ao professor João Flor: dediquei-me antes, tal como ele, aos estudos de recepção, no meu caso da literatura dos EUA em Portugal e, nesse campo, dei especial enfoque à tradução como fenómeno da cultura de chegada, conforme o designou Gideon Toury (1995: 24-29). A diáspora, no entanto, é uma espécie de recepção, senão completamente às avessas, pelo menos muito complexa, e a tradução da sua literatura para as línguas onde os seus autores têm origens, escrevendo porém noutras, traz-nos ângulos de leitura inesperados, visto que “vem desestabilizar as balizas de cultura e de chegada, permitindo simultaneamente iluminar ambas como inter-dependentes e abrir porventura a via para um ‘terceiro espaço de enunciação’”, na expressão feliz de Homi K. Bhabha para designar o locus onde a ambivalência perturba os signos culturais fixos (1994: 37).

A opção pelas antologias da diáspora portuguesa em inglês permite-me ainda voltar à área de interesse privilegiada dos estudos norte-americanos, em que situei as minhas teses de doutoramento e de mestrado. Isto porque, por uma mera apreciação quantitativa dos números da emigração, é para os Estados Unidos e Canadá que preferencialmente se deslocam os portugueses cujos filhos, senão eles próprios, virão a escrever em inglês. Embora haja casos esporádicos na Inglaterra e possivelmente noutras ilhas britânicas, e alguns exemplos interessantes na Índia (onde não é fácil a destriça entre pós-colonialismo e diáspora), a verdade é que a literatura de diáspora portuguesa conhece na América do Norte uma representatividade ímpar, sobretudo quando nos voltamos para a contemporaneidade, com um número considerável de autores que constam já como referências literárias sem hifenização, por mérito literário reconhecido pelo público e pelos críticos da literatura (de partida?) norte-americana, como são os casos de Frank X. Gaspar e Katherine Vaz nos EUA, ou Erika de Vasconcelos no Canadá. De entre os estudos já realizados para enquadrar estes autores como *Portuguese-American*, a prática no género da poesia foi a que recebeu um tratamento mais sistemático, com um elenco bastante exaustivo feito por George Monteiro (2001) num ensaio preparatório à organização de uma antologia de *Portuguese-American Verse*, projecto que concebeu em conjunto com Alice Clemente. Dadas as relações privilegiadas do Centro de Estudos Anglisticos, e particularmente do Grupo de Investigação de Estudos Americanos, em que me

---

<sup>1</sup> Considero relevante que na última edição de *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, de 2008, a entrada “literary translation” contemple a heteroglossia como uma elemento distintivo da literatura (Jones 2008: 152).

íntegro, com George Monteiro, encetei contactos que espero venham valorizar essa colaboração.

Este ensaio de homenagem pretende ser, assim, um teste do tipo de trabalho que se poderá organizar a partir das ideias acima expostas. Tendo, para já, afunilado o campo de actuação para a poesia escrita em inglês norte-americano por autores com origens portuguesas, farei aqui um primeiro ensaio dedicado a mulheres poetisas dos EUA com ascendência lusa, seleccionando um poema representativo de cada uma delas e tendo por tema comum a vivência do exílio e da divisão e trânsito entre mundos que caracterizam a diáspora. O enfoque no feminino apresenta a vantagem de trazer a limitação necessária a esta experiência seminal: em “Portuguese-American Poetry in the United States”, George Monteiro (2001) refere quatro mulheres entre os 11 poetisas citados, e eu optei neste estudo por tratar três delas, de diferentes períodos literários: Emma Lazarus, Olga Cabral e Nancy Vieira Couto.<sup>2</sup> Trata-se de um enfoque inicial que me agrada, visto o tema da escrita feminina se incluir também nos meus interesses de investigação e poder apresentar variantes especiais neste contexto, já que o factor género minoritário, como continua a ser a mulher na escrita, pode introduzir uma variante amplificadora da questão da minoria étnica que inevitavelmente se cruza com o movimento de diáspora.

O meu estudo prosseguirá com uma introdução bio-bibliográfica sobre as mulheres seleccionadas, procurando esclarecer em particular as suas relações com Portugal; depois, apresentarei as traduções dos poemas seleccionados, dois deles transcritos em inglês no ensaio de George Monteiro já referido.<sup>3</sup> Numa quarta parte dedicar-me-ei a uma análise comparada dos três poemas, procurando pontos de convergência e de evolução ou diversidade nas atitudes perante os problemas comuns apresentados. Essa análise será apoiada pela discussão de dificuldades ou alternativas de tradução, as quais, como sabem todos os que já tentaram traduzir poesia, não raro iluminam a interpretação do poema ou suscitam nele leituras menos previsíveis. Uma última parte será dedicada à ponderação deste processo, bem como do interesse no estudo da literatura de diáspora contemporânea com ligações à cultura portuguesa.

---

<sup>2</sup> A quarta poetisa é Emily Monteiro Morelli que, segundo o verbete a acompanhar o poema de sua autoria escolhido para o número do *Prairie Schooner* dedicado a poetisas luso-descendentes dos EUA, está a preparar um livro de poemas sobre Portugal e Brasil, pelo que será seguramente uma autora a ponderar para um futuro trabalho antológico. A revista *Prairie Schooner* inclui ainda as poetisas Jennifer Borges Foster e Dian Sousa.

<sup>3</sup> Mais especificamente, “The New Colossus” de Emma Lazarus, e “The Music of Villa-Lobos” de Olga Cabral. Agradeço a George Monteiro, como sempre, a disponibilidade para partilhar resultados da sua investigação. Agradeço também à poetisa Nancy Vieira Couto pela autorização prontamente concedida para reproduzir e traduzir “Beyond Modernity, We Are Warned”, bem como pelos esclarecimentos pormenorizados que me prestou. Finalmente, agradeço a Frances Goldin, agente literária que representa os herdeiros de Olga Cabral, a cedência dos direitos de publicação e tradução do poema da autora para esta edição.

## 2. As autoras

### *Emma Lazarus (1849-1887)*

Filha de Moses e Esther Lazarus, Emma Lazarus descendia de uma família de sefarditas portuguesas, que embarcara no século XVII no St. Charles, o "Mayflower judeu", integrada no grupo de 23 refugiados de Pernambuco que em 1654 desembarcaram em Nova Iorque (então Nova Amsterdão) para fundar a primeira comunidade judia da América do Norte. Era ainda prima direita de Benjamin Cardozo (1870-1938), igualmente descendente de judeus portugueses, juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos e influente jurista da história do Direito Norte-Americano. Dizem-nos os seus biógrafos que cedo teve acesso à biblioteca paterna, dedicando-se ao estudo do grego e de várias línguas modernas, como alemão, francês e italiano, sendo ainda crível que tivesse acesso à língua tradicional sefardita, o ladino, mesclando o castelhano e o português antigo. Assim sendo, talvez tivesse competências ao nível do português, ainda que das diversas relações intertextuais que a sua obra manteve com a literatura do outro lado do Atlântico, não pareça constar nada de notável relativamente à literatura portuguesa.<sup>4</sup>

Tendo-se primeiramente dedicado à tradução e composição de poemas, Emma Lazarus distinguir-se-ia como ensaísta pioneira na defesa da causa do sionismo: os relatos de perseguições e *pogroms* que afligiam os judeus russos foram determinantes para que expusesse, numa série de 15 artigos para o semanário *American Hebrew*, intitulados *Epistle to the Hebrews*, a necessidade de criação de uma pátria judaica na terra de Israel como forma de fazer face ao anti-semitismo, para cujo combate defendia uma estratégia de unidade. O seu activismo nas causas dos Direitos Humanos e ajuda aos emigrantes terá motivado o convite de William Maxuell Everts para que escrevesse um poema a ser leilado numa recolha de fundos para a construção do pedestal da Estátua da Liberdade. Assim surgiu "The New Colossus", o soneto aqui traduzido como "O Novo Colosso", escrito em 1883, e que algum tempo depois da morte da autora foi afixado numa placa na parede interior do pedestal da estátua, onde ainda hoje se encontra.

### *Olga Cabral (1909-1997)*

Nascida em Trinidad, nas Antilhas, cedo emigrou com a família para Winnipeg, no Canadá, e pouco depois para Nova Iorque, onde viveu o resto da vida. Não me foi possível determinar ao certo a proveniência portuguesa da sua família, sendo que a indicação, às vezes usada, de "Portuguese parents", pode querer referir-se apenas à estirpe e não à nacionalidade dos pais. Se no poema "To Spain" (2002: 204-206), a poeta refere "My forefathers too were Iberian", naquele que aqui reproduzimos,

---

<sup>4</sup> Lazarus traduziu Schiller, Heine, Dumas, Victor Hugo, Petrarca e autores hebreus da Espanha medieval (ver Anacleto 1997: 4, 6).

“The Music of Villa-Lobos”, a melodia do compositor brasileiro é associada a uma língua ancestral.<sup>5</sup> É possível que descendesse já de algumas gerações instaladas no Brasil ou no Caribe, e teria talvez origens sefarditas, como Emma Lazarus, ou pelo menos relações também com a diáspora judia, visto que casou com o poeta *yiddish* Aaron Kurtz. Começou a publicar poesia na década de 30, em revistas, mas o seu primeiro volume de poemas, *Cities and Deserts*, só veio a lume em 1959, com chancela da Roving Eye, uma editora dirigida pelo poeta expatriado Bob Brown. Seguiram-se, *The Evaporated Man* (1968), *Tape Found in a Bottle* (1971), que lhe valeu o Emily Dickinson Award, *The Darkness Found in My Pockets*, (1976), *Occupied Country* (1976), *In the Empire of Ice* (1980, West End Press) e *The Green Dream* (1990). Em 1993, a colectânea *Voice / Over: Selected Poems* (1993), pela West End Press, coligiu uma amostra de mais de quatro décadas de carreira poética. Dedicou-se ainda à literatura infanto-juvenil com *The Seven Sneezes* (1948) e *So Proudly She Sailed: Tales of Old Ironsides* (1981), este último seguindo a história da fragata americana *Constitution* em paralelo com a história dos EUA desde a Independência ao início do século XX. Enquanto poeta, foi ainda publicada em vários periódicos especializados, e representada em diversas antologias dos EUA e internacionais, nomeadamente uma série de colectâneas de poesia progressista organizada por Walter Lowenfels, como *In a Time of Revolution: Poems from Our Third World* (1969), *In the Belly of the Shark* (1973) e *For Neruda, for Chile* (1975).

O poema que escolhemos para este estudo, “The Music of Villa-Lobos”, publicado pela primeira vez em *Tape Found in a Bottle* de 1971, é um depoimento autobiográfico mais ou menos ficcionado e indicia que a poeta não terá tido um acesso fácil ao legado linguístico e cultural dos seus pais. De qualquer forma, segundo George Monteiro, numa lista dos seus volumes publicada na Internet perto do fim da sua vida era apresentada como “uma comunista portuguesa” (2001: 199), conotação condicente com a filiação que lhe atribuem certos círculos à literatura proletária.

#### *Nancy Vieira Couto (1942-)*

Filha de pais portugueses, dos Açores, Nancy Vieira Couto cresceu na comunidade portuguesa de New Bedford, imersa num meio que tendia a preservar a cultura e língua de origem, ainda que só tivesse tido contacto com o português escrito e seu ensino formal (como segunda língua) quando ingressou na universidade de Cornell. Publicou em 1990 o livro de poemas *The Face in the Water* pela University of Pittsburgh Press. Editora de poesia da revista *Epoch* (Cornell University Press), ensinou inglês no ensino superior e escrita criativa e tem continuado a publicar poesia em antologias colectivas, jornais e revistas. O poema aqui traduzido saiu na

---

<sup>5</sup> Publicado pela primeira vez no número de Julho de 1953 de *Masses and the Mainstream*.

revista online *Diagram 5.5.*, e faz parte do manuscrito de um ciclo de poemas com base na experiência de visitas a um parente internado no hospital de New Bedford, onde, conforme registam os versos iniciais de "Beyond Modernity, We Are Warned", a sinalética se apresentava bilingue, em português e inglês.<sup>6</sup>

### 3. Poemas e Traduções

*Emma Lazarus*

#### The New Colossus

Not like the brazen giant of Greek fame,  
With conquering limbs astride from land to  
land;  
Here at our sea-washed, sunset gates shall  
stand  
A mighty woman with a torch, whose flame  
Is the imprisoned lightning, and her name  
Mother of Exiles. From her beacon-hand  
Glows world-wide welcome; her mild eyes  
command  
The air-bridged harbor that twin cities frame.  
"Keep, ancient lands, your storied pomp!" cries  
she  
With silent lips. "Give me your tired, your  
poor,  
Your huddled masses yearning to breathe free,  
The wretched refuse of your teeming shore.  
Send these, the homeless, tempest-tossed to  
me,  
I lift my lamp beside the golden door!"

#### O Novo Colosso

Não tal gigante — o de bronze e grega fama,  
Cujas pernas se firmam sobre duas terras;  
Aqui, onde o Sol desce e o mar se quebra,  
Ao nosso portão rubro uma mulher inflama  
O raio aprisionado. E ela se proclama  
A mãe dos exilados; um facho enverga  
Que acolhe o mundo inteiro; os brandos olhos  
ergue  
À ponte que no porto dupla urbe irmana.  
"Guardai, terras antigas, vossa intacta glória!"  
É o que, muda, grita: "A mim! Pobres, estafados,  
Massas aflitas que almejam liberdade,  
Os que as vossas costas lançam como escória,  
Os sem-abrigo que escorraça a tempestade,  
A eles estendo a luz nestes portões dourados!"

<sup>6</sup> Comunicação pessoal, 8 de Abril de 2010.

*Olga Cabral*The Music of Villa-Lobos

Someone is speaking a lost language.  
 It is the music of Villa-Lobos.  
 I try to remember: where was I  
 born? And from what continent  
 untimely torn? I might have been  
 a priestess among the caymans  
 guarding the eye-jewel of the  
 crocodile god. I might have sailed  
 orinocos of diamonds, seas of coconuts,  
 leased the equator for life and learned  
 my ancestral language.

But I have only some old sleeves of rain  
 in a trunk with spiders  
 to remember my ancestors by.  
 They have left me  
 nothing, and I have forgotten  
 that island of my birth  
 where the sun in his suit of mirrors  
 was seen once only with my vast fetal eye.

But in the music of Villa-Lobos  
 a god with a tower of green faces  
 comes striding across cities  
 of permafrost, and I am summoned  
 once again to the jaguar gardens  
 guarded by waterfalls  
 where the hummingbird people are at play  
 far from the cold auroras of the north.

A Música de Villa-Lobos

Alguém fala uma língua perdida.  
 É a música de Villa-Lobos.  
 Procuro lembrar-me: onde foi  
 que nasci? E de que continente  
 fora de tempo me dividi? Podia  
 ter sido vestal entre caimões  
 velando a gema do olho do deus  
 crocodilo, velejar talvez  
 por orinocos de diamantes, mares  
 de cocos, podia assumir toda a vida  
 o trespasse do equador para aprender  
 a minha língua ancestral.

Mas tenho só algumas mangas de chuva  
 num velho baú de aranhas  
 para lembrar os meus antepassados.  
 Não me deixaram  
 nada, e esqueci  
 essa ilha onde nasci  
 onde vi uma vez só  
 com meu vasto olho de feto  
 o sol no seu fato de espelhos.

Mas na música de Villa-Lobos  
 um deus com uma torre de verdes frontes  
 cruza a largos passos cidades  
 de piso gelado, e mais uma vez  
 convocam-me ao jardim dos jaguares  
 guardado pelas cascatas  
 onde brinca o povo dos colibris  
 longe das frias auroras do norte.

*Nancy Vieira Couto*

<p>Beyond modernity, we are warned</p> <p>by placards in two languages that say the same thing differently. In the yellow wood where two roads diverge, we choose both, not from arrogance but from indecisiveness, which, like riding two horses at one time, requires long legs, strong thighs, and careless good nature. The world flicks by, each leaf magnified, as we sample this new bar soap, that breakfast sandwich. Placards in two languages praise soft drinks and party politics. The world flicks by and bites of speech elude their diagrams to hover in the yellow wood. It is late and soon the world will be different.</p>	<p>Para lá da modernidade, avisam-nos</p> <p>placards em duas línguas a dizer o mesmo de maneira diferente. No bosque amarelado dividem-se duas estradas. Escolhemos ambas, e não é por arrogância mas por indecisão, coisa que, como montar simultaneamente dois cavalos, requer pernas compridas, coxas fortes, falta de complexos, boa tempera, o mundo passa e cintila, cada folha ampliada, enquanto tomamos o novo elixir, em loção, a sandes do pequeno-almoço. Placards em duas línguas louvam gasosas, campanhas políticas. O mundo passa e cintila e arranha frases que driblam os diagramas, para pairarem no bosque amarelado. É tarde e cedo o mundo será diferente.</p>
--	---

#### 4. Análise Comparada

James Russell Lowell terá dito que “The New Colossus” dava à estátua da Liberdade a sua razão de ser.<sup>7</sup> Provavelmente queria destacar com isso a ênfase que o poema coloca na oportunidade dada à diferença e às minorias, estendendo as premissas de igualdade da Declaração da Independência. Trata-se de um poema num tom entre o épico e o lírico, feito por encomenda para enaltecer aquele que é porventura o monumento mais emblemático dos Estados Unidos, mas que foi, lembre-se, uma oferta de França à república norte-americana. Talvez também por isso, encontra-se neste poema de saudação ao monumento, uma ideia de “nova nação” — ou uma ideia nova de nação — que não é delimitada nem exclusiva, mas aberta e inclusiva; não se celebra a terra, mas a sua entrada por mar; não se enaltece a natividade mas a emigração. E, assim, a nação não se configura como “pátria” mas como “mátria”, ou antes “mãe adoptiva” que acolhe os órfãos e os aflitos — ou, na expressão inglesa que ficou célebre e por isso apresentou alguns problemas à presente tradução, “the huddled masses”.

Note-se que optei por preservar a forma do soneto, não só porque se trata de uma marca epocal, muito presente na poesia feminina de oitocentos em língua inglesa (e não me agrada o anacronismo que obscurece o domínio da forma até ao modernismo) como devido a haver uma estreita relação entre o carácter clássico da

<sup>7</sup> Lowell a Emma Lazarus, 17 de Dez. de 1883 (in Rusk 1949: 74)



forma e o “novo clássico” que se pretende instituir neste poema de homenagem à Estátua da Liberdade. Neste caso, embora estritamente o soneto só tenha de ser uma forma com catorze versos e alguns preceitos lógicos, houve uma obrigação ao constrangimento métrico que me levou a reduzir a informação presente na língua inglesa, muito mais sintética. De qualquer modo, foi precisamente por querer veicular uma impressão o mais semelhante possível à contida em “huddled masses” que acabei por optar pelo verso alexandrino, permitindo-me o recurso “massas aflitas”, bem como outras utilizações mais próximas do texto de partida que simplesmente não cabiam numa primeira versão que fiz em decassílabos<sup>8</sup>.

A inversão do pensamento conotado com as “terras antigas” passa por uma desconstrução da ideia de herói e do poder masculino. O novo modelo proposto é uma mulher acolhedora, branda, que não esbraceja nem conquista a passos largos terras onde as suas “pernas se firmam” (“conquering limbs”, no inglês), antes grita com lábios silenciosos e olhos brandos (neste ponto, é possível que a elipse operada pela tradução — “é o que, muda, grita” — retire algo da sensualidade discreta atribuída ao novo ícone, embora retenha a ambiguidade relativamente ao real estatuto de poder desta mulher). A imagem do Colosso substituído por uma mulher, propondo uma política de acolhimento em vez de conquista, é central no poema, tal como a tentativa de superação da divisão, oferecendo novas esperanças ao emigrante

---

<sup>8</sup> Sabendo do interesse do Professor João Flor pelas várias versões produzidas ao longo do processo tradutório, aqui acrescento o primeiro soneto que fiz para “The New Colossus”, em decassílabos, optando também pela apresentação italiana:

#### O NOVO COLOSSO

Não tal gigante em bronze e grega fama,  
Firmando as pernas sobre duas terras;  
Aqui, onde o sol cai e o mar quebra,  
À nossa porta, uma mulher inflama

A luz aprisionada. Há quem a chame  
Mãe do Exílio, e o farol que enverga  
Acolhe o globo inteiro; os olhos ergue  
À ponte que uma dupla urbe irmana.

«Guardai, ó mundo antigo, a vossa glória!»  
É o que, muda, grita. «A mim, os pobres,  
Quem asfixia e quer a liberdade,

A escória que o vosso fausto encobre  
E varre, sem abrigo, a tempestade:  
A mim, que empunho o facho à sua entrada!»

A escória que custou vosso tesouro  
E arrasta, sem abrigo, a tempestade  
A mim, que dou a luz aos portões de ouro.

e à mulher — condições que se identificam com a história biográfica da autora do poema, não sendo talvez acidental a escolha de dois pronomes pessoais em posição rimática final perto do desfecho do poema: “she”, “me” (que não consegui reproduzir na nossa língua).

O tema da divisão, que percorre as três amostras das poetisas aqui apresentadas, tem, em “O Novo Colosso”, diversas actualizações: a das “terras antigas” vs. o Novo Mundo, este último marcado pela urbanidade (ver a oposição entre as formulações, em final de verso, “astride from land to land” e “two cities frame”), bem como da estridência, pompa e fama vs. humilde descrição, esta última associando-se à divisão masculino / feminino que não deixa de ressentir-se de alguns traços estereotipados: o homem caminha e conquista, ao passo que a mulher segura a candeia do novo lar.

A simbologia da luz e da posição do Sol é um elemento importante do soneto: os EUA surgem fortemente conotados com o sol poente, e os seus portões são banhados por uma luz de ouro (contrastando com o bronze do gigante grego), o que pode remeter para as esperanças de fortuna no Oeste, tendo a corrida ao ouro conhecido um ressurgimento na década de 1870 em Bodie, Califórnia.

Já no poema de Olga Cabral encontramos, ao invés da simbologia do metal, a das pedras preciosas — “eye-jewel of the crocodile god”, “orinocos of diamonds” — sendo estas associadas não com a riqueza possível nos EUA mas com uma luxúria que a poeta procura recuperar através da imaginação recreativa da sua região natal: as ilhas do mar do Caribe, presentes por subtil implicatura através dos caimões (provável alusão às ilhas Caiman) e a América do Sul, percorrida pelo Orinoco, nascido na fronteira entre o Brasil, de onde talvez tenham migrado os pais de Olga, e a Venezuela, em frente à qual fica Trinidad onde nasceu a poeta.

Para além do imaginário exótico convocado pelas pedras preciosas, pela referência a frutos, a animais tropicais (“coconuts”, “crocodile”, “hummingbird”) e a abundância aquática (“orinocos”, “waterfalls”), compondo uma fantasia de retorno ao Éden, outro campo semântico forte neste poema é o do vestuário, a que se recorre esparsamente, mas que enforma as mais surpreendentes metáforas: “I have only these old sleeves of rain” e “the sun in his suit of mirrors”. A primeira imagem é consentânea com algum sentimento de carência do sujeito poético que transparece no próprio título de um dos livros de Cabral, *The Darkness Found in my Pockets* — se bem que, por exemplo, o adjectivo participial “found” seja significativo, como se a descoberta do despojamento fosse essencial para preencher a imaginação, que pode levar à claridade, talvez ao “fato de espelhos” do Sol. Ademais, a atenção ao vestuário torna-se, em grande parte da poesia de Cabral, um símbolo também da condição da mulher preocupada em guarnecer, em tratar, em providir, como sucede em “Woman Ironing”:

I am ironing our tablecloth of sun and our coverlet of moon  
 I am ironing the sky  
 I am folding the clouds like linen I am ironing smoke

I am ironing sad foreheads and deep wrinkles of despair (Cabral 1993: 109).

Apesar de ter recebido do poeta e editor Walter Lowenfels (também ele conotado com a “literatura proletária”) o elogio de ser a primeira poeta mulher a personificar um espírito nacional, usando, como Whitman, as suas revelações pessoais para falar por toda a nação<sup>9</sup>, não é raro a poesia de Olga Cabral transmitir uma sensação de deslocalização do sujeito, um sentimento de nostalgia por, como se diz em “The Music of Villa-Lobos”, um lugar e um tempo de que indefinidamente se dividiu (“untimely torn”). Esta divisão não encontra, como em Emma Lazarus, um apaziguamento nos EUA, e parece, pelo menos no poema presente, que é a memória poetizada que permite transformá-la em reconciliação, no seio da estranheza e do exótico. O poema não deixa, no entanto, de acusar a interiorização da tradição afirmativa e responsabilizadora do indivíduo que teve o seu auge com os transcendentalistas americanos, nomeadamente pela associação I / eye, tão produtiva para Emerson e celebrizada pelo ensaio “Nature” de 1836. No poema de Cabral, porém, não nos surge a imagem do olho como globo transparente abarcando o exterior do mundo, mas como visão intra-uterina, “olho fetal”, que só no ventre materno, e “só uma vez” distinguiu o Sol sobre a ilha natal, metáfora de pertença e desejo de regresso à luz que é também profundamente romântica mas não da corrente da negritude.

De qualquer forma, o tema da divisão surge neste poema elaborado como algo fortemente relacionado com o uso da linguagem e a aprendizagem de línguas. A “língua perdida” invoca no sujeito poético a interrogação sobre o sítio de nascença e pertença, levando à invenção de identidades possíveis. Por outro lado, se a primeira estrofe nos traz um vislumbre exótico da “língua ancestral”, a segunda debruça-se sobre a vivência dos antepassados como eminentemente disfórica, acentuada pela partição dos versos: “They have left me / nothing”. Na tradução, mantém-se a ambiguidade criada pela quebra de verso, mas a opção, que é óbvia, introduz ainda mais espessura à relação com os antepassados, já que “não me deixaram” pode ser lido como afirmação de acompanhamento perpétuo, logo a seguir negada por “nada”, mas também como interdito, a não-permissão do mundo policiado dos adultos.

A reconstituição da memória e da língua acaba por emergir de uma maneira essencialmente não-verbal, nomeadamente pela associação de símbolos ligados ao vestuário, já notada, e pela música que, na última estrofe, parece constituir, talvez não um “terceiro-espço de enunciação” coincidente com o postulado de Homi Bhabha, mas uma suspensão religadora, mesmo religiosa, conotada com o Sul e a natureza quente tropicalista. Sobre esta busca íntima de *religio*, é interessante notar que, como em Lazarus, o poema de Cabral invoca uma figura mítica, “a god with a tower of green faces”, também erecta e masculinizada, cujo gesto de conquista do espaço é representado com uma escolha lexical próxima da de Lazarus: confronte-se “conquering / limbs astraide from land to land” com “a god with a tower of green faces / comes striding across cities”. Por outro lado, o plural usado — “faces” —

---

<sup>9</sup> Ver Monteiro (2001: 191).

não pode deixar de lembrar o deus bifronte, Janus, suscitando novas imagens de divisão: mas Janus, note-se, estava à porta da cidade (aliás, como a estátua do poema de Emma Lazarus), ao passo que este Deus anuncia a natureza, o verde que sucede o degelo, numa vontade regeneradora central à poesia de Cabral, onde o livro *The Green Dream* se seguiu a *The Empire of Ice*. Assim, este deus apresenta-se como algo de plural e frutífero, e não há colisão entre feminino e masculino: antes, há possibilidade de união, já que o apelo do deus parece ser desejado e correspondido pela poeta que na primeira estrofe se imaginou como sacerdotisa. Note-se, a propósito, que na tradução de "priestess" optei por "vestal", com conotações de virgindade que não estão necessariamente no poema e talvez com uma associação mais próxima à Antiguidade Clássica, pouco consentânea com o ambiente tropicalista. No entanto, considere que valia correr esse risco por ganhar com tal escolha a precisão do verso e a aliteração vestal / velando, consentânea com a musicalidade que pauta o poema de Cabral. Este assume a procura de uma nova linguagem, por via explícita da alusão ao compositor brasileiro Villa-Lobos, eminentemente rítmica, lúdica e calorosa.

A presença do nome "Villa-Lobos", no título e corpo do poema, introduz ainda uma outra linguagem, a da língua portuguesa, que é para a poeta a vaga memória de um passado, tornando-se produtiva pela reinvenção de mitos culturais, como sucederá num já citado poema de tom diferente, mais peninsular do que tropical, sobre a guerra civil de Espanha, "To Spain".

Por fim, o poema de Nancy Vieira Couto faz da língua portuguesa uma alusão de ambivalência, que enforma uma divisão aqui tomada por ponto assente, como resultado da irreparável transitoriedade do mundo. Note-se que foi apenas pela correspondência com a autora que obtive a declaração de o português ser a segunda língua aludida, parecendo-me antes que qualquer leitor de língua inglesa pensará primeiro no espanhol como língua possível. No entanto — e mesmo porque também o inglês não é explicitamente referido — a determinação do par de línguas não é o mais importante neste poema. Parece-me que o seu tema central é a diversidade progressiva, e sem retorno, dos registos em que se move o texto literário, também possível sinédoque do mundo em geral, com suas contradições, seu crescente trânsito entre polaridades, ao ponto de as esbater, criando uma nivelação perante a qual o sujeito poético talvez não saiba ainda posicionar-se, recorrendo à proposta da ironia.

O poema não parece totalmente trabalhado. Não há, por exemplo, um sinal que nos aponte para um possível juízo de valor sobre a "indecisão" levar a que, contrariamente ao que sucede no poema de Robert Frost convocado nos primeiros versos ("The Road Not Taken"), se percorram duas estradas: "which, like riding / two horses at one time, requires long / legs, strong thighs, and careless good / nature. Coincidência ou não, a sustentar a divisão, encontramos neste poema, como nos dois anteriores, a imagem das pernas que abarcam, ou galgam sobre, terras diversas. E essas pernas, se não claramente masculinas, têm pelo menos traços de virilidade, nas coxas fortes e na boa têmpera que as carrega — o que oferece campo para especulação, nos três poemas, sobre a interdependência de questões de

movimento, migração, cruzamento de línguas e trespasse de papéis de género ou até comportamentos sexuais, misturando anatomia e geografia, privado e político. Nesta última díade, realce-se que a sua ambiguidade surge destacada em “Beyond modernity, we are warned” através do uso do dispositivo poético da quebra de verso, em que a segunda linha completa uma ideia de forma inesperada: “we sample this new bar” [espaço público] / “soap” [do plano físico e íntimo]; ou “soft drinks and party / politics”. A tradução para português, nestas instâncias de jogo de palavras é claudicante, por vezes desviando o sentido (“experimentando o novo elixir, / em loção” — o que veicula a ideia da desconfiança em absolutos da pós-modernidade, de alguma forma presente no poema, mas falha a premissa de partida) e outras ficando aquém da estranheza no inglês (a opção por “campanhas / políticas” mantém a associação entre o mundo comercial e o da política, mas perde a ironia).

As remissões para o mundo da publicidade e do consumo sugerem ainda que o contágio entre público e privado se torna disfórico por resultar não só de uma transformação de valores morais e relacionais em valores de mercado, mas também de uma velocidade impossível de apreender, que parece deslocar a percepção do mundo natural. Esta ideia é reforçada pela remissão voluntária (segundo declaração da poeta) para o soneto de William Wordsworth de 1807, cuja lição dos três primeiros versos é a seguinte: *The world is too much with us; late and soon, / Getting and spending, we lay waste our powers; / Little we see in Nature that is ours*. A opção pela intertextualidade com dois poetas associados ao romantismo literário, sendo Frost amiúde tomado como um seu representante epigonal, praticamente fora do tempo e desencantado, tende para a ilação de que o sujeito poético de “Beyond modernity” procura ultrapassar, tal como indicam os versos iniciais, a irremediável perda desse momento afirmativo do poder da linguagem no esforço de convocar ainda o humano e a natureza. Todavia, as duas frases finais apontam para a sobrevivência da capacidade iluminadora da palavra, ainda que evasiva, talvez impossível de distinguir do néon, mas em todo o caso passível de proporcionar um contacto com a beleza de bosques de coníferas outonais reminescentes de Frost (note-se a dificuldade de traduzir “yellow wood” de forma a que o elo intertextual seja reconhecível por leitores não nativos, posto que possivelmente informados da tradição poética anglo-saxónica). A aproximação à natureza, no entanto, já não pode, neste mundo actual de trânsito e mudança permanentes, surgir pela escolha difícil da reclusão meditativa: *“The world flicks by and bites / of speech elude their diagrams to hover / in the yellow wood”*. Perante isto, o desfecho do poema furta-se a uma possibilidade de conclusão avaliativa, devolvendo-nos antes a inevitabilidade de aceitar um mundo diferente, de movimento, em que o exílio, a pertença e as línguas / linguagens que se enunciam se tornaram opções em cuja contradição cedo será norma viver.

## 5. Conclusão

Termino esta análise dos três poemas de autoras norte-americanas descendentes de portugueses com uma reflexão sobre o que neles se enuncia sobre a experiência do exílio e a diáspora, esperando deixar antever qual a importância do estudo e tradução deste tipo de textos face à crescente emergência de sinais diaspóricos na configuração da literatura actual. As três vozes poéticas femininas procuram abarcar um mundo novo, de alteração e alteridade, a partir de uma posição de estranhamento complexo (o exílio, acumulado com a condição alternativa, mais ou menos explícita, do feminino). O entendimento de pós-modernidade que o poema de Nancy Vieira Couto anuncia pode, segundo a leitura acima, subsumir-se no "novo nomadismo" que Eva Hoffmann procurou definir no seu contributo para *Letters of Transit* (1999), uma colecção de ensaios de autores eminentemente associados à diáspora contemporânea:

[W]hat is happening today is that cross-cultural movement has become the norm rather than the exception ... The ease of travel and communication, combined with the loosening of borders following the changes of 1989, give rise to endless crisscrossing streams of wanderers and guest workers, nomadic adventurers and international drifters. Many are driven by harsh circumstance, but the element of voluntarism, of choice, is there for most... The new nomadism is different from other Diasporas. It exists in a decentered world, one in which the wanderers no longer trace and retrace a given territory or look to any one symbolic locus of meaning. (42-56)

Se o soneto de Emma Lazarus é unidireccional, e favorece o acolhimento em detrimento da passagem, tanto os poemas de Olga Cabral como o de Nancy V. Couto contemplam um mundo de trânsito. No entanto, é curioso verificar que o texto de Couto é de dualidade, ao passo que o de Cabral, embora anterior, contempla já a superação da bipolaridade que Hoffmann destaca como traço distintivo da diáspora contemporânea:

In the "bipolar" mentality, the idea of home may become too dramatized or sentimentalized. In the "nomadic" configuration, exile loses its charge, since there is no place from which one can be expelled, no powerful notion of home. (58)

Cabral, porém, ao re-imaginar um lugar de pertença numa linguagem reinventada evita o risco de dispersão de forças que Hoffmann detecta na total imersão na experiência de descentramento, minando a acumulação de uma perspectiva compreensiva, a qual vemos falhar no poema de Couto, neste ponto consentâneo com o aviso deixado em "The New Nomads":

But I wonder if, in our world of easy come, easy go, of traveling light and sliding among places and meanings without alighting on any of them for long, we don't risk a dispersion of internal focus and perhaps even of certain strengths — strengths that come from the gathering of experiences so that they add up to memories, from the accumulation of understanding, from placing ourselves

squarely where we are and living in a framework shared with others. I wonder if, in trying to exist in luminal spaces, or conceiving of experience as movement between discrete dots on a horizontal map, we don't risk ... the illness that comes upon people unanchored in any place or structure... who travel perpetually to new moments and sensations and to whom no internal site — of attachment, need, desire — is more important than any other. (57-58)

O meu interesse em dedicar-me à reunião antológica de algumas vozes luso-americanas prende-se com as possibilidades do seu contributo para o nosso entendimento deste mundo, e especificamente com aquilo que eu vejo ser uma necessidade de consciência para aqueles que actualmente se dedicam à tradução literária: uma prática de literatura que por definição subsume trânsito de línguas e culturas, de relações entre linguagem e identidade. O enfoque nos casos de ascendência portuguesa não tem especial interesse por nele encontrarmos símbolos resgatáveis da “tradição nacional” (folares e bacalhau, por exemplo), mas antes por aquilo que, no transporte, deixa de pertencer a qualquer lugar, ainda que o nosso reconhecimento privilegiado dos significados culturais da transferência possam proporcionar o fugaz asilo da acumulação compreensiva que parece ainda desejável. E há uma gratificação em percebermos que, tal como a nossa própria literatura contemporânea alberga em algumas das manifestações mais impressionantes vozes de quem nasceu noutra parte (como Golgona Anghel ou Bénédicte Houart na nova poesia portuguesa), também quem teve cá ascendência pode singrar literariamente em expressão estrangeira, renovando a ductilidade do trânsito.

## Bibliografia

- Anacleto, Maria Helena (1997). *Emma Lazarus: do Classicismo ao Judaísmo*. Diss. Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Bhabha, Homi K. (1994). *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- Cabral, Olga (1993). *Voice / Over. Selected Poems*. Albuquerque: West End Press.
- . “To Spain” (2002). *The wound and the dream: sixty years of American poems about the Spanish Civil War*. Ed. Cary Nelson. Urbana: University of Illinois Press. 204-206.
- Couto, Nancy Vieira (1990). *The Face in the Water*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- . (2010). “Beyond modernity, we are warned”. *Poems x 4. Diagram.com*. 5: 5, n. d. Web. (accessed 10 May 2010).
- Lazarus, Emma (2005). *Selected Poems*. Ed. John Hollander. New York: Library of America.
- Hoffmann, Eva (1999). “The New Nomads.” *Letters of Transit: Reflections on Exile, Identity, Language and Loss*. Ed. André Aciman. New York: The New Press. 35-63.
- Jones, Francis R. (2008). “Literary Translation.” *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2nd ed. Ed. Gabriela Saldanha and Mona Baker. London: Routledge. 152-157.



- Monteiro, George (2001). "Portuguese-American Poetry in the United States: From Emma Lazarus to Frank Gaspar." *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Anglo-Portugueses / FCSH. 197-208.
- (2009). *Prairie Schooner* 83, 1 (Spring).
- Rusk, Ralph L., ed. (1949). *Letters to Emma Lazarus in the Columbia University Library*. New York: New York Public Library.
- Toury, Gideon (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam: John Benjamins.